



CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM ATENÇÃO BÁSICA À SAÚDE MENTAL

ANA PAULA SILVA

**O PAPEL DO ENFERMEIRO DO CAPS PARA A REALIZAÇÃO DE UM
ATENDIMENTO HUMANIZADO**

Salvador
2014

ANA PAULA SILVA

**O PAPEL DO ENFERMEIRO DO CAPS PARA A REALIZAÇÃO DE UM
ATENDIMENTO HUMANIZADO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Pós-graduação da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública como requisito final para a obtenção do título de Especialista em Atenção Básica à Saúde Mental.

Orientadora: Prof.º Ms. LudmillaFonsêca.

Salvador
2014

O PAPEL DO ENFERMEIRO DO CAPS PARA A REALIZAÇÃO DE UM ATENDIMENTO HUMANIZADO

THE ROLE CAPS NURSE 'S FOR THE IMPLEMENTATION OF A CALL HUMANIZED

Ana Paula Silva¹

Ms. LudmillaFonsêca²

RESUMO

Transtornos mentais são alterações dos processos cognitivos e psíquicos, que comprometem a autonomia e a liberdade dos portadores de distúrbios. Por isso, o presente estudo objetivou analisar, por meio dos artigos pesquisados, a prática do profissional de enfermagem no CAPS em um atendimento humanizado às pessoas com transtorno mental, enfatizando a conscientização do profissional. O método utilizado foi revisão de literatura. Após análise dos artigos selecionados, identificaram-se as causas responsáveis pelo acolhimento dos portadores de transtorno mental, a dificuldade dos enfermeiros em acolhê-los e estratégias desenvolvidas pelas equipes multidisciplinares no tratamento destes indivíduos. Foram pesquisados artigos científicos publicados no período de 2008 a 2014. A partir dos resultados, foi possível observar que vários são os fatores que estabelecem a adaptação deste profissional de saúde no atendimento prestado pelo CAPS. Concluiu-se que há necessidade de maior capacitação da equipe multidisciplinar, inclusive enfermeiros, para assegurar o bem-estar mental, integridade psíquica, desenvolvimento intelectual e emocional destes sujeitos.

Palavras-chave: Transtorno Mental. Humanização. Enfermagem.

ABSTRACT

Mental disorders are changes in cognitive and psychological processes that compromise the autonomy and freedom of patients with disorders. Therefore, this study aimed to analyze, through the researched articles, the practice of nursing professional in CAPS in humanized care to patients with mental disorders, emphasizing awareness of the professional. The method used was literature review. After analyzing the selected papers, identified the causes responsible for the care of patients with mental disorders, the difficulties of nurses to welcome them and strategies developed by multidisciplinary teams to treat these individuals. We searched scientific articles published from 2008 to 2014. From the results, it was observed that there are several factors that establish the updating of health professionals in the care provided by CAPS. It was concluded that there is need for more training of the multidisciplinary team, including nurses, to ensure the mental well-being, mental health, intellectual and emotional development of these subjects.

Keywords: Mental Disorder. Humanization. Nursing.

¹Pós-graduanda em Especialização em Atenção Básica à Saúde Mental, Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública. e-mail: paulabrenda2008@hotmail.com

²Psicóloga, Mestra em Educação e Contemporaneidade, Pesquisadora de Estudos. Professora orientada no curso de Especialização em Atenção Básica à Saúde Mental, Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública. e-mail: ludmillapsicologia@gmail.com

INTRODUÇÃO

O atendimento ao doente mental constantemente encontra-se em mudanças, estabelecendo assim uma relação de confiança e respeito entre o paciente e o profissional de saúde no atendimento humanizado em saúde mental. Sendo assim, o enfermeiro com seu papel assistencial e experiência técnica, amplia seu conhecimento em ouvir o portador de transtorno mental humanizando, na expectativa de diminuir esse sofrimento mental (CHAVES et al., 2008).

A humanização segundo Ministério da Saúde (MS) significa a valorização dos sujeitos implicados no processo de produção de saúde: usuários, trabalhadores e gestores. Articulando os avanços tecnológicos com acolhimento, melhorando os ambientes de cuidado e as condições de trabalho dos profissionais. Essa é a principal meta da Política Nacional de Humanização da Atenção e Gestão do SUS (Humaniza SUS), instituída em 2003, pelo MS. O compromisso ético-estético-político da Humanização do SUS se assenta nos valores de autonomia e protagonismo dos sujeitos; de coresponsabilidade entre eles, de solidariedade dos vínculos estabelecidos, dos direitos dos usuários e da participação coletiva no processo de gestão (BAHIA, 2006).

Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2010), a Política de Humanização da Atenção e da Gestão (PNH) é uma iniciativa inovadora no SUS. Criada em 2003, a PNH tem por objetivo qualificar práticas de gestão e de atenção em saúde. Uma tarefa desafiadora, sem dúvida, uma vez que na perspectiva da humanização, isso corresponde à produção de novas atitudes por parte de trabalhadores, gestores e usuários, de novas éticas no campo do trabalho, incluindo aí o campo da gestão e das práticas de saúde, superando problemas e desafios do cotidiano do trabalho.

O PNH tem uma importante iniciativa na humanização como fazer uma relação direta á bondade, á benevolência, á hospitalidade, capacitando os trabalhadores, fazendo ação educativa para com esses funcionários que estar no dia a dia trabalhando com a saúde da população.

O MS divide os transtornos mentais em três grupos: os graves e persistentes; os transtornos psiquiátricos resultantes do abuso de álcool e de outras drogas; e os transtornos depressivos; ansiosos e alimentares. Incluem também nestes grupos, variados problemas comportamentais e de pensamentos anormais, como por exemplo, a esquizofrenia, a depressão, a psicose e o retardo mental (BAHIA, 2006).

Com o processo da Reforma Psiquiátrica iniciado com o Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental (MTSM), foram reivindicados os direitos dos pacientes psiquiátricos brasileiros e realizada a I Conferência Nacional de Saúde Mental em 1987, fazendo com que surgisse assim o primeiro Centro de Apoio Psicossocial (CAPS) no Brasil (BRASIL, 2009).

Para o MS (BRASIL, 2009) esta reforma foi bastante importante em relação à saúde da população brasileira. O acesso aos serviços do CAPS, das Residências Terapêuticas, dos Centros de Convivência e Cultura e dos leitos de atenção integral, foi responsável por uma extrema mudança no atendimento público em Saúde Mental.

Humanizar essa atuação é uma proposta difícil pelo pouco que se tem de conhecimento e apoio na área de psiquiatria em enfermagem. Sendo assim, o trabalho em equipe um dos fatores confiante nessa atuação. Enfatizando assim, para se remodelar a realidade, é exigido que se identifiquem barreiras atuais na área de saúde mental, para a realização de uma assistência de primeira qualidade aos usuários do CAPS.

Neste contexto, o presente artigo, justifica-se pela necessidade de identificar um atendimento humanizado do enfermeiro junto com sua equipe aos pacientes do Sistema Único de Saúde (SUS), por meio das unidades de CAPS. Ao refletir sobre a atuação do enfermeiro em unidades do CAPS, emerge uma questão: qual o papel do enfermeiro do CAPS para a realização de um atendimento humanizado?

Para responder esse questionamento, o artigo foi desenvolvido com o objetivo geral de analisar, a prática do profissional de enfermagem no CAPS em um atendimento humanizado às pessoas com transtorno mental. São objetivos específicos: identificar as principais dificuldades enfrentadas pelo profissional de enfermagem que atua no CAPS; caracterizar a ação do enfermeiro em um atendimento humanizado.

Sendo assim, definiu-se esse presente estudo com o propósito de pesquisar e analisar a literatura publicada a respeito do atendimento humanizado do enfermeiro aos pacientes do CAPS.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão de literatura, descritiva, de caráter exploratório e abordagem qualitativa.

A finalidade da pesquisa bibliográfica é conhecer as diferentes formas de colaboração científica que se realizaram sobre determinado assunto ou fenômeno (OLIVEIRA, 2002).

A pesquisa descritiva de caráter exploratório visa o estabelecimento de relações entre variáveis; e assume, em geral, a forma de levantamento, tendo como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir suposição (GIL, 2002).

Os artigos foram pesquisados na Biblioteca Virtual em Saúde, por meio das bases de dados Scientific Electronic Library on-line-Brasil (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Banco de Dados de Enfermagem (BDENF). Foram usados os seguintes descritores: transtorno mental; humanização; e enfermagem. O acesso às produções científicas ocorreu por meio do próprio site ou do link para as revistas online.

Para levantamento dos estudos sobre o tema proposto, foram estabelecidos, como critérios de inclusão: que os artigos fossem escritos em língua portuguesa, publicados no período de 2008 a 2013, disponibilizados na íntegra, e que estivessem em concordância com o objeto de estudo. Envolvendo o período estabelecido, foram encontrados 150 artigos, englobando as três bases de dados.

A seleção dos artigos a serem estudados foi determinada pelo descarte dos que se repetiam nas bases de dados e que não cumpriam aos critérios de inclusão. Sendo assim, foram selecionados para análise, 15 artigos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A maioria dos estudos apresenta-se como pesquisa de campo. Seus sujeitos foram selecionados de maneira variada: estudo com o enfermeiro durante a graduação e após; equipes multidisciplinares em um CAPS; humanização no atendimento; e profissionais de enfermagem que convivem com portadores de transtorno mental.

Dos 15 artigos selecionados (Tabela 1), verifica-se que os períodos com menor número de publicação adequada aos critérios da pesquisa, são 2009 e 2013, com 6,6% cada, do total de resultados. Em seguida, o ano de 2012, com 13,2% e os anos de 2008 e 2010, com 19,8% cada. O ano que mais apresenta publicações adequadas aos critérios de inclusão é 2005, correspondendo a 33,0% dos artigos selecionados.

Quanto aos periódicos, houve um equilíbrio na distribuição. Desses, destaca-se a Revista Brasileira de Enfermagem com 3 artigos. Os outros variam entre 1 e 2 artigos por periódico.

Em relação ao método, a maioria dos artigos apresenta uma revisão sistemática, exploratória, de abordagem qualitativa. Diferencia-se dos demais, o artigo de Brischiliari e

Waidman(2012), por desenvolver a coleta de dados com base na técnica da História Oral Temática. O artigo de Soares (2008) apresenta um relato de experiência, desenvolvendo seu texto de forma ímpar, não seguindo os mesmo critérios metodológicos dos demais artigos.

Quanto à temática abordada, percebe-se que a maioria dos estudos retrata a relação entre enfermeiro e familiares, bem como a sua atuação no contexto de uma assistência multidisciplinar. A humanização do atendimento também se faz presente em todos os artigos, sendo considerada de grande relevância na qualidade do cuidado em saúde mental aos usuários.

Tabela 1. Descrição dos resultados, por ano, autores, título e periódico e método.

ANO	AUTORES	TÍTULO	PERIÓDICO	MÉTODO
2008	CHAVES, Érika de Cássia Lopes et al.	Uma interação enfermeiro-cliente aplicando princípios do relacionamento não diretivo.	Ciência Cuidado e Saúde	Estudo descritivo de abordagem qualitativa
2008	Soares, MarcosHirata	A inserção do enfermeiro psiquiátrico na equipe de apoio matricial em saúde mental.	SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas	Relato de Experiência
2008	KANTORSKI, Luciane Prado; MIELKE, Fernanda Barreto; TEIXEIRA JÚNIOR, Sidnei.	O trabalho do enfermeiro nos centros de atenção psicossocial.	Trabalho Educação e Saúde	Estudo qualitativo do tipo descritivo
2010	AIRES, Marinêset al.	Ações em saúde mental às famílias nos diferentes contextos de trabalho: revisão integrativa.	Rev. Gaúcha Enfermagem	Revisão Integrativa
2010	DIAS, Cristiane Bergues; SILVA, Ana Luisa Aranha e.	O perfil e a ação profissional da(o) enfermeira(o) no Centro de Atenção Psicossocial.	Revista da Escola de Enferm. USP	Estudo exploratório qualitativo
2010	MORENO, Vania.	Enfermeiros e a família do portador de transtorno mental.	Revista Brasileira de Enfermagem	Estudo exploratório descritivo qualitativo
2009	SCHNEIDER, Jacó F. et al.	Concepção de uma equipe de saúde mental sobre interdisciplinaridade.	Revista Gaúcha de Enfermagem	Estudo qualitativo do tipo descritivo

2011	ESPERIDIÃO, Elizabeth; CRUZ, Maryana Freire Rodrigues; SILVA, Gelda Alves.	Perfil e atuação dos enfermeiros da rede especializada em saúde mental de Goiânia-GO.	Revista Eletrônica de Enfermagem	Estudo descritivo-exploratório
2011	ESTEVAM, Michelle Caroline et al.	Convivendo com transtorno mental: perspectiva de familiares sobre atenção básica.	Revista Escola de Enferm. USP	Exploratório-descritivo de natureza qualitativa
2011	GALERA, Sueli A. F. et al.	Pesquisa com famílias de portadores de transtorno mental.	Revista Brasileira de Enfermagem	Revisão de literatura exploratória, qualitativa
2011	SANT'ANA Marília M. et al.	O significado de ser familiar cuidador do portador de transtorno mental.	Texto Contexto - Enfermagem	Estudo qualitativo, do tipo exploratório, descritivo
2011	SOARES, Régis Daniel et al.	O papel da equipe de enfermagem no centro de atenção psicossocial.	Revista de Enfermagem Escola Anna Nery	Estudo qualitativo, do tipo exploratório, descritivo
2012	AGUIAR, Maria Isis Freire de et al.	Competências do enfermeiro para promoção da saúde no contexto de saúde mental.	Acta Paulista de Enfermagem	Revisão Integrativa
2012	BRISCHILIARI, Adriano; WAIDMAN, Maria Angélica Pagliarini.	O portador de transtorno mental e a vida em família.	Rev. de Enferm. Esc. Anna Nery	Estudo de abordagem qualitativa, com a utilização da técnica de História Oral Temática
2013	CHERNICHARO, Isis de Moraes; FREITAS, Fernanda Duarte da Silva de; FERREIRA, Márcia de Assunção.	Humanização no cuidado de enfermagem: contribuição ao debate sobre a Política Nacional de Humanização.	Revista Brasileira de Enfermagem	Estudo qualitativo, do tipo exploratório, descritivo

Fonte: Dados primários pesquisados na Scielo, Lilacs e BDENF.

Diante dos 15 artigos científicos selecionados para explorar, todos analisam o que se exige para compreensão do objeto de estudo. São destacadas as seguintes categorias: o atendimento humanizado; dificuldades enfrentadas pelo profissional de enfermagem no CAPS; e atuação do enfermeiro junto com equipe de saúde mental.

O ATENDIMENTO HUMANIZADO

Após a Reforma Psiquiátrica, houve a descentralização dos Hospitais Psiquiátricos. Tanto a família como o portador de transtorno mental foram privilegiados com esta mudança, pois surgiu um modelo diferenciado de acolhimento no tratamento. O atendimento passou a atender a uma política descentralizadora, o que implica em abolir os hospitais psiquiátricos, diminuir as internações e realizar o atendimento comunitário, possibilitando a inclusão social dos usuários (SCHNEIDER et al., 2009).

Com a redução da oferta de leitos hospitalares e a criação de uma rede de serviços na comunidade, a responsabilidade pela continuação e evolução do tratamento da doença mental passou para as equipes comunitárias e seus familiares. Com isso, passaram a ocorrer transformações no papel dos profissionais em relação ao cuidado em saúde mental (GALERA et al., 2010).

Nas últimas décadas, os pacientes com transtorno mental eram tratados de forma violenta nos asilos. Diante desta realidade, os profissionais de saúde discutiram uma maneira de humanizar este espaço. Assim, surgiram ações que criaram os Centros e os Núcleos de Atenção Psicossocial (CAPS/NAPS), financiados pelo Ministério da Saúde (MS) (DIAS; SILVA, 2010).

Humanização é a valorização do sujeito com suas mudanças na produção de saúde, respeitando seu espaço, sua cultura, juntamente com a família. Para realizar um atendimento humanizado é necessário um trabalho com a equipe multidisciplinar. Desse modo, é possível haver um diálogo entre os profissionais envolvidos, de maneira a compreender o usuário como um ser integral, considerando os aspectos físicos, psíquicos, afetivos e sociais.

Assim, em relação aos profissionais de enfermagem, além dos cuidados que oferecem, a humanização é o carro chefe em um atendimento diferencial, abordada com respeito, competência e ética profissional. Na humanização, a enfermagem requer proporções tanto no nível micro, em relação à assistência, quanto no nível macro, da gestão e de políticas públicas. Segundo Chernicharo, Freitas e Ferreira (2013), o enfermeiro em um atendimento no CAPS

deve ter um novo olhar, em busca de romper barreiras, tais como a qualificação do serviço prestado aos pacientes com transtorno mental e seus familiares.

Os profissionais de enfermagem devem centrar-se não só nos sinais e sintomas da doença, mas também no aspecto subjetivo dos usuários, contemplando religião, cultura, reinserção na sociedade e na família. Para tanto, precisam de um olhar crítico e humanizado, junto com a equipe multidisciplinar. Precisam de sempre buscar conhecimentos na assistência em saúde mental, pois durante a graduação e até mesmo no ambiente de trabalho é pouco o que se oferece para um atendimento prestado ao paciente com transtorno mental de forma humanizada (CHERNICHARO; FREITAS; FERREIRA, 2013).

Em frente às práticas do cuidado, temos problemas a encarar como as filas, a insensibilidade dos trabalhadores com o sofrimento das pessoas, os tratamentos desrespeitosos, consultas e internações, a deficiência nas condições concretas de trabalhos, incluindo a degradação nos ambientes e das relações de trabalho entre outras.

Discutir humanização na enfermagem exige um aumento de conhecimento no que é humanizar, que vai desde a escuta atenta, uma ótima relação profissional-usuário, à reorganização dos processos de trabalho, criação de ouvidorias e salas de acolhimento, incluindo a melhoria da estrutura do serviço (CHERNICHARO; FREITAS; FERREIRA, 2013).

Para Soares et al. (2011) a enfermagem tem o dever de contemplar não só as expectativas do portador de transtorno psíquico, mas também do seu familiar, desempenhando ações em conjunto, compreendendo o que possa ser melhor no cuidado desses indivíduos. Acolhendo a família e o portador humanizando este encontro na construção de um elo, uma confiança, um repente dialogando entre ambas as partes. Neste sentido, o profissional de enfermagem interage de forma íntegra e segura no atendimento humanizado.

Na enfermagem, a humanização toma um grau tanto no nível micro, referente à assistência, quanto no nível macro, da gestão e de políticas públicas, observado que para se alterar a verdade, é necessário reconhecer obstáculos, evidentes na área de saúde que prejudiquem uma assistência digna e humana (CHERNICHARO; FREITAS; FERREIRA, 2013).

DIFICULDADES ENFRENTADAS PELO PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM NO CAPS

O portador de transtorno mental passou a ter uma melhor adesão ao tratamento após os hospitais psiquiátricos se transformarem e aderirem à Reforma Psiquiátrica. Com o fechamento gradual dos manicômios e a implantação do Centro de Apoio Psicossocial (CAPS), o familiar do paciente começou a participar mais efetivamente das condutas terapêuticas (BRISCHILIARI; WAIDMAN, 2012).

O descaso governamental para com o portador de transtorno mental é uma das dificuldades enfrentadas pela família, que lidam com crises e internações recorrentes. Assim, a família acaba desacreditando na melhora e se torna resistente às novas propostas de tratamento. Tal resistência familiar torna-se, em contrapartida, um das dificuldades enfrentadas pelo o profissional, para a efetivação de um atendimento confiante e humanizado. Isso porque, devido o histórico de atendimentos fracassados, os familiares e o paciente muitas vezes não se sentem seguros para aderir à proposta de cuidado oferecida pelos enfermeiros (MORENO, 2010).

Uma das principais intervenções para enfrentar essas dificuldades é trabalhar em equipe com o intuito de compreender a família do paciente com transtorno mental, a importância da história de vida de cada um. Para tanto, precisa-se de conhecer o histórico familiar do paciente, suas necessidades, ansiedades, dúvidas e condições psicossociais (KANTORSKI; MIELKE; TEIXEIRA JÚNIOR, 2008).

O profissional precisa mostrar mais entendimento sobre como é para o familiar, a experiência da doença mental em casa e sobre a sobrecarga vivenciada por eles, para que não haja interferência negativa da família no tratamento, mas sim uma participação positiva, na adesão ao cuidado humanizado (GALERA et al., 2011).

A equipe multidisciplinar, formada de profissionais capacitados, enfrenta dificuldades na realização do atendimento, como problemas de infraestrutura local e física, entre outros. Outro fator a ser considerado é o distanciamento entre a formação teórica em saúde mental que os profissionais recebem e a prática na assistência.

Brischiliari e Waidman (2012) afirmam que é de extrema importância que o portador de transtorno mental sentir-se bem no ambiente de atendimento. Sendo assim, a enfermagem precisa estar preparada para receber este indivíduo, dando-lhe tarefas possíveis de ser cumpridas e respeitando suas limitações.

É necessário se construir saberes e prática de atenção à saúde mental, para que o enfermeiro atue com responsabilidade, certeza na procura da valorização do seu trabalho para com o paciente e a família (KANTORSKI; MIELKE; TEIXEIRA JÚNIOR, 2008).

A escolaridade também é um fator que interfere na qualidade do cuidado prestado ao portador de transtorno mental, para que ele também reivindique e solicite qualidade do serviço. Observa-se que quanto maior o grau de instrução, mais exigente o paciente se torna (ESTEVAM et al., 2011).

Cabe ao profissional de enfermagem afastar-se da atenção médica-centrada e assumir uma postura humanista e de autonomia profissional. No entanto, estes profissionais ainda enfrentam dificuldades para se incluir neste novo modelo assistencial. A dificuldade vai sempre existir, pois não só depende de um profissional mais sim de vários fatores e pessoas para que haja um atendimento humanizado servindo como modelo para os CAPS (DIAS; SILVA, 2009).

ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO JUNTO COM A EQUIPE DE SAÚDE MENTAL NAS UNIDADES DO CAPS

A Organização Mundial de Saúde propõe que, independente do nível de recursos, todos os países devem avaliar as estruturas disponíveis nos serviços de saúde mental. No Brasil, mesmo após a Reforma Psiquiátrica, estes serviços ainda executam práticas tradicionais de cuidado. Assim, os profissionais que atuam em saúde mental precisam estimular por meio de práticas de promoção à saúde, a reinserção social e a autonomia dos pacientes, ajudando-os a serem protagonistas na produção do seu próprio cuidado (AGUIAR et al., 2012).

A desconstrução do saber manicomial é um elemento importante para o resgate da cidadania e identidade do portador de transtorno mental no cuidado. É necessário o compartilhamento entre equipes que se comprometam com as necessidades dos usuários, proporcionando um ambiente acolhedor (AIRES et al., 2011).

Em um atendimento são realizadas várias estratégias, como: técnicas grupais, entrevistas, acolhimento, cuidados com a medicação, comunicação terapêutica, técnicas expressivas, artísticas, entre outras que o paciente se adequar (CHERNICHARO; FREITAS; FERREIRA, 2013).

Visando também a família e os profissionais neste espaço de socialização para com o portador de transtorno mental, o ambiente deve ser calmo, arejado, descontraído e acima de tudo humanizado (KANTORSKI; MIELKE; TEIXEIRA JÚNIOR, 2008).

Existe também uma flexibilidade no fazer do trabalho do enfermeiro no CAPS, pois cada paciente tem sua individualidade e interesse diferenciado nessas oficinas. Há uma união

de conhecimentos junto com a equipe. Inserindo então a família nestas atividades grupais é um fator muito importante para um bom atendimento humanizado. Tanto ganha o paciente quanto o profissional de saúde mental (CHAVES et al., 2008).

A atuação eficaz do enfermeiro na área de saúde mental contribui com o tratamento psicológico do portador de transtorno psíquico junto à família. Através deste profissional de saúde, o indivíduo adquire confiança, liberdade e respeitabilidade para que melhor desenvolva sua vida na sociedade (SCHNEIDER et al., 2009).

Dessa maneira cabe aos profissionais de saúde entender que o cuidado em saúde mental não se restringe apenas à medicação e internações. Amplia-se em ações que visem à reintegração familiar e social, apoiando e fortalecendo a família do portador de transtorno mental, quando esta encontrar-se fragilizada (CHAVES et al., 2008).

Já para Dias e Silva (2010), o tratamento do portador de transtorno psíquico pela enfermagem deve ser baseado em um conjunto de estratégias que enfrentam o problema do sofrimento, de modo que o destaque não está no processo saúde\doença, mas no projeto de produção social do paciente.

O cuidado em saúde mental exige do enfermeiro iniciativa e criatividade, para que desta forma tenha capacidade de proporcionar uma melhora na qualidade de vida do doente, promovendo um vínculo afetivo e social. Os enfermeiros devem estar preparados para o acolhimento e para o desenvolvimento de um trabalho com características coletivas, em busca da reabilitação psicossocial (SOARES et al., 2011).

Incluem-se na capacitação do profissional de enfermagem para o atendimento humanizado, o respeito aos valores, às crenças, aos medos e desejos do portador de transtorno psíquico, sem julgar seu comportamento, estabelecendo um vínculo entre profissional e cuidador (KANTORSKI et al., 2008).

Schneider et al. (2009) afirmam que no processo de atuação do profissional de enfermagem em saúde mental, é necessária uma participação conjunta com os demais profissionais da equipe de saúde. Assim, cabe ao enfermeiro dar apoio à equipe, atuando na promoção da saúde, na reinserção social do paciente, devendo ter como alvo principal o cuidado com o sofrimento psicológico.

O trabalho em grupo é essencial ao sucesso do cuidado humanizado prestado, pois a percepção do usuário como um ser integral exige um acompanhamento dos profissionais das diversas áreas de conhecimento. Tal acompanhamento é feito a partir de um diálogo entre os profissionais a respeito do indivíduo usuário, de maneira a convergir as diversas terapêuticas necessárias (SCHNEIDER et al., 2009).

Conforme Chernicharo, Freitas e Ferreira (2013), para a assistência de enfermagem em um paciente com transtorno mental é essencial o conhecimento, o saber e a experiência. Dessa forma, o paciente sente-se mais seguro, tendo acesso a informações esclarecedoras sobre a doença, sintomas e tratamento.

É necessário, entretanto, entender que o papel do enfermeiro, como membro da equipe de saúde mental, deve ser entendido em um sentido mais amplo, sendo responsável pelo cuidado ao ser humano nas suas individualidades e necessidades. Tal perspectiva vai além das dimensões técnico-científicas; atinge a perspectiva humana, subjetiva, contemplada pela forma de ver, pensar e agir no relacionamento interpessoal (SOARES, 2008).

Chernicharo, Freitas e Ferreira (2013) também afirmam que os profissionais de enfermagem, por meio de um trabalho multidisciplinar, devem proporcionar um cuidado singular, respeitando as limitações de cada indivíduo, criando uma oportunidade para incentivar suas habilidades, contribuindo com a promoção da integralidade na assistência.

Para Sant'Ana et al. (2011), é fundamental que a equipe multiprofissional tenha empatia com o sofrimento do portador de transtorno mental. Deve saber ouvir, ter flexibilidade para mudanças, para proporcionar um vínculo com o paciente na busca da adesão ao processo terapêutico. Para tanto, convém a reintegração do usuário à sociedade, por meio da construção da sua autonomia, do resgate da sua autoestima, e da sua atuação cidadã como um indivíduo protagonista da própria existência.

Para que o profissional de enfermagem demonstre competências na relação com o paciente, precisa transmitir confiança, conforto e apoiá-lo emocionalmente, usando estes atos como forma de terapia adicional. O sucesso do cuidado humanizado nas unidades do CAPS é garantido, mesmo que o enfermeiro enfrente dificuldade na sua graduação, e assim também no trabalho. Buscando se aperfeiçoar em sua área junto com a equipe de saúde mental (CHAVES et al., 2008).

Convém um maior preparo dos multiprofissionais que atuam em saúde mental. É preciso considerar também a importância da Estratégia de Saúde da Família (ESF) e da Reforma Psiquiátrica, pois estas enfatizam a interação entre os familiares e as equipes de saúde (AIRES et al., 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O portador de transtorno mental ainda é visto como um indivíduo impossibilitado de interagir com a sociedade, sendo considerado um grande incômodo àqueles que convivem

com o mesmo. Por isso, por muito tempo, eles permaneceram isolados nos hospitais psiquiátricos.

A partir da atuação dos enfermeiros, por meio do CAPS, esse quadro de isolamento e exclusão tende a mudar. Quanto mais humanizado é o atendimento, mais possibilidade o indivíduo tem de desenvolver a sua autonomia, conquistar o respeito e a dignidade diante dos familiares e da sociedade.

Contudo, os profissionais ficam inseguros diante das dificuldades enfrentadas em seu trabalho cotidiano com o portador de transtorno mental. Para resolver tal insegurança, precisam de uma formação cuidadosa e de recursos eficazes, que possibilitem a realização eficaz do seu trabalho.

A saúde mental no Brasil melhorou muito em relação a um tempo atrás, as ações do governo procuram humanizar esse atendimento de forma progressiva. E os resultados positivos já se evidenciam, embora ainda haja falhas.

Desta maneira, percebe-se que os profissionais de enfermagem têm um papel relevante no tratamento do portador de transtorno mental, pois são eles que criam ações de auxílio à comunicação do paciente com a família e com a sociedade. Entretanto, a eficácia destas ações depende de outros profissionais, pois eles precisam interagir entre si, com o paciente, por meio do conjunto de métodos que auxiliem o portador de transtorno psíquico a adaptar-se à sociedade.

Faz-se necessário também que para os profissionais de enfermagem ao realizarem um cuidado humanizado, coloquem em prática os princípios do SUS. Desta forma é possível promover mudanças no cuidar, por meio de um relacionamento interpessoal com os doentes e com seus familiares. Nesse aspecto, é imprescindível a educação contínua dos profissionais de enfermagem, para que eles estejam aptos para enfrentar esses desafios.

É importante que desde a graduação, os profissionais de enfermagem se preparem para atuar em saúde mental, aprendendo os princípios humanizados de tratamento, compreendendo o seu essencial papel no processo do em unidades do CAPS.

O papel do enfermeiro nesse desafio é de extrema importância para a equipe de saúde mental. Ao exercer um trabalho significativo na compreensão do portador, da doença, do ser humano como um todo, e estar aberto para novos conhecimentos na área de atendimento em saúde mental há uma efetivação do cuidado humanizado.

Assim, considera-se este estudo importante, ao destacar que a prática de enfermagem em saúde mental é fundamental para a idealização de ações, que preparem o profissional de enfermagem no atendimento humanizado ao portador de transtorno mental.

Faz-se necessário que estratégias sejam utilizadas, objetivando distinguir e superar obstáculos que interferem no trabalho do enfermeiro no manejo com o portador de transtorno mental, bem como maneiras de atender, buscando sempre exercitar sua humanização.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Maria Isis Freire de et al. Competências do enfermeiro para promoção da saúde no contexto de saúde mental. **Acta paul. enferm.**, São Paulo, v. 25, n. spe2, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002012000900025&lng=en&nrm=iso> Acesso em; 04 maio 2014.
- AIRES, Marinêset al. Ações em saúde mental às famílias nos diferentes contextos de trabalho: revisão integrativa. **Rev. Gaúcha Enferm. (Online)**, Porto Alegre, v. 31, n. 3, Set. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472010000300023&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 maio 2014.
- BAHIA. **Cartilha da Política Nacional de Humanização da Atenção e da Gestão do SUS**. Secretaria de Saúde do Estado da Bahia. 2006. Disponível em: <<http://www.saude.sc.gov.br/hijg/gth/Cartilha%20da%20PNH.pdf>> Acesso em: 01 Out. 2014.
- BRASIL. **Políticas Nacional de Saúde Mental Reforma Psiquiátrica e Política de Saúde Mental no Brasil**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2009.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Saúde Mental. **Reforma Psiquiátrica e política de Saúde Mental no Brasil**. Brasília, DF, 2010. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/relatorio15_anos_caracas.pdf> Acesso em: 06 Jun. 2014.
- BRISCHILIARI, Adriano; WAIDMAN, Maria Angélica Pagliarini. O portador de transtorno mental e a vida em família. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, Mar. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452012000100020&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 Abr. 2014.
- CHAVES, Érika de Cássia Lopes et al. Uma interação enfermeiro-cliente aplicando princípios do relacionamento não diretivo. **Ciênc. cuid. Saúde**, v. 7 n.2, abr.-jun. 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/5013>> Acesso em: 07 Ago. 2014.
- CHERNICHARO, Isis de Moraes; FREITAS, Fernanda Duarte da Silva de; FERREIRA, Márcia de Assunção. Humanização no cuidado de enfermagem: contribuição ao debate sobre a Política Nacional de Humanização. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 66, n. 4, Ago. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672013000400015&script=sci_arttext>. Acesso em: 24 Nov. 2014.
- DIAS, Cristiane Bergues; SILVA, Ana Luisa Aranha e. O perfil e a ação profissional da(o) enfermeira(o) no Centro de Atenção Psicossocial. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 44, n. 2, Jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342010000200032&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 Nov.2014.
- ESPERIDIÃO, Elizabeth; CRUZ, Maryana Freire Rodrigues; SILVA, Gelda Alves. Perfil e atuação dos enfermeiros da rede especializada em saúde mental de Goiânia-GO. **Rev.**

eletrônica enferm.v. 13, n. 3. jul/set, 2011. Disponível em:
<<http://www.fen.ufg.br/revista/v13/n3/pdf/v13n3a15.pdf>> Acesso em: 05 nov. 2014.

ESTEVAM, Michelle Caroline et al. Convivendo com transtorno mental: perspectiva de familiares sobre atenção básica. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 45, n. 3, Jun. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342011000300019&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 Nov. 2014.

GALERA, Sueli A. F. et al. Pesquisa com famílias de portadores de transtorno mental. **Rev. Bras. Enferm.** Brasília.v. 64, n.4. Jul/Ago. 2011. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/reben/v64n4/a22v64n4.pdf> > Acesso em: 12 abr. 2014.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KANTORSKI, Luciane Prado; MIELKE, Fernanda Barreto; TEIXEIRA JÚNIOR, Sidnei. O trabalho do enfermeiro nos centros de atenção psicossocial. **Trab. Educ. saúde**, v. 6, n.1, mar.-jun. 2008. Disponível em:
<<http://www.revista.epsjv.fiocruz.br/upload/revistas/r199.pdf>> Acesso em: 10 nov. 2014.

MORENO, Vania. Enfermeiros e a família do portador de transtorno mental. **Rev. bras. enferm.** Brasília. v. 63, n. 4, Jul/Ago. 2010 Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/reben/v63n4/16.pdf>> Acesso em: 11 nov. 2014.

OLIVEIRA, S. L. **Tratado de Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Pioneira, 2002.

SANT'ANA Marília M. et al. O significado de ser familiar cuidador do portador de transtorno mental. **Texto Contexto - Enferm.** Florianópolis. v. 20, n. 1, Mar. 2011. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072011000100006&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 04 maio 2014.

SCHNEIDER, Jacó F. et al. Concepção de uma equipe de saúde mental sobre interdisciplinaridade. **Rev Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre (RS). v. 30, n. 3, Set. 2009. Disponível em:
<<http://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/8409/6961>> Acesso em: 04 maio 2014.

SOARES, Marcos Hirata. A inserção do enfermeiro psiquiátrico na equipe de apoio matricial em saúde mental. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.** Ribeirão Preto. v. 4. n.2. ago. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/smad/article/view/38676>> Acesso em: 04 maio 2014.

SOARES, Régis Daniel et al. O papel da equipe de enfermagem no centro de atenção psicossocial. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, Mar. 2011. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452011000100016>. Acesso em: 04 maio 2014.